

## FOTOGRAFIA PARA OUVIR: O ACERVO DA FOTOTECA MEMÓRIA DA UFPEL DISPONÍVEL PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL ATRAVÉS DO RECURSO DE ÁUDIO-DESCRIÇÃO

DESIRÉE NOBRE SALASAR<sup>1</sup>; CAROLINA GOMES NOGUEIRA<sup>2</sup>;  
CAROLINA DA MOTTA TAVARES<sup>3</sup>; LEANDRO FREITAS PEREIRA<sup>4</sup>;  
FRANCISCA FERREIRA MICHELON<sup>5</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas – [dedah.nobres@gmail.com](mailto:dedah.nobres@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas – [nogueiracarolina1996@gmail.com](mailto:nogueiracarolina1996@gmail.com)

<sup>3</sup> Universidade Federal de Pelotas – [carolmt1295@gmail.com](mailto:carolmt1295@gmail.com)

<sup>4</sup> Universidade Federal de Pelotas - [lheandro@msn.com](mailto:lheandro@msn.com)

<sup>5</sup> Universidade Federal de Pelotas – [fmichelon.ufpel@gmail.com](mailto:fmichelon.ufpel@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

A Fototeca Memória da UFPel, projeto de extensão iniciado em 2009, tem como missão recolher e sistematizar, segundo os princípios da documentação museológica, coleções fotográficas históricas dessa Universidade. As fotografias são tratadas como documento e narrativas memoriais da instituição e é meta do projeto disponibilizar o acervo – catalogado e tratado – para o público que queira, por meio dele, ter acesso a partes da trajetória da Universidade Federal de Pelotas.

Em 2015, a Fototeca Memória da UFPel passa a ser um projeto de ensino vinculado ao Departamento de Museologia, Conservação e Restauro do Instituto de Ciências Humanas especificando o desenvolvimento de suas ações na formação de alunos. Uma meta do trabalho é a democratização do acesso ao acervo. No bojo dessa meta, há quatro anos, iniciou-se uma ação intitulada Fotografia para Ouvir. Essa, visa a veiculação de fotografias do acervo da Fototeca Memória da UFPel, na rádio Federal FM, e se apresenta tanto como forma de educação patrimonial como de inclusão cultural e valorização de memórias.

Em 2012, Fotografia para Ouvir teve sua primeira edição. No período, foram divulgadas fotografias das coleções: Laneira Brasileira S.A, Faculdade de Odontologia, Clínica Campos Langois, Marina de Moraes Pires, Escola de Belas Artes, Cartas de Leopoldo Gotuzzo, Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel e coleção Anglo, utilizou-se apenas o recurso de descrição das imagens. A descrição consiste em contar a imagem empregando-se recursos de comparação e interpretação, que não são utilizados na áudio-descrição.

No presente ano, optou-se por seguir os fundamentos da áudio-descrição tendo em vista que a são duas as finalidades do projeto: divulgar o acervo e facilitar o entendimento da fotografia por parte de pessoas com deficiência visual. Segundo Motta e Filho (2010) a áudio-descrição (AD) pode ser entendida um recurso de acessibilidade que amplia o entendimento das pessoas com deficiência visual:

[...] É uma atividade de mediação linguística, uma modalidade de tradução intersemiótica, que transforma o visual em verbal, abrindo possibilidades maiores de acesso à cultura. (p. 7)

Com esse direcionamento, o programa foi novamente submetido para integrar a programação do segundo semestre do ano corrente, tendo sido mais uma vez aprovado.

A opção pela áudio-descrição decorreu da confluência do trabalho da Fototeca com o do Programa de Extensão Museu do Conhecimento para Todos: Inclusão

Cultural para Pessoas com Deficiência em Museus Universitários – programa apoiado pelos editais PROEXT 2012 e 2015 e desenvolvidos nos em 2013 e 2016. Três bolsistas do programa, que conhecem o recurso da AD, participam da produção e revisão dos roteiros.

## 2. METODOLOGIA

A equipe do programa de rádio Fotografia para Ouvir conta com quatro alunos de graduação (dos cursos de Terapia Ocupacional e Museologia da Universidade Federal de Pelotas) conduzidos pela coordenadora de ambos os projetos<sup>1</sup>. No ano de 2016 ocorrem cinco temporadas, de agosto a dezembro. Para cada uma dessas, foram selecionadas as seguintes coleções: fotos da exposição de longa duração do Museu do Doce da UFPEL, que será inaugurada em setembro do corrente pelo referido programa; fotos da casa sede do Museu; fotos da Coleção Laneira Brasileira; Fotos da Coleção CCS e uma edição especial para veiculação em dezembro que descreverá fotografias históricas que contemplem o tema Natal.

As fotografias da primeira temporada reúnem parte do acervo do Museu do Doce e outras fotos localizadas em fontes históricas e foram selecionadas pela autora e pela coordenadora do programa a partir de um levantamento de pesquisa apresentado pela equipe do Museu do Doce<sup>2</sup>. Logo após a escolha de vinte e quatro imagens, foi realizada uma oficina de áudio-descrição, de forma a instrumentalizar o restante da equipe para a produção dos roteiros. O processo de produção textual inclui três etapas: a escrita do roteiro básico feita por cada um dos membros da equipe sobre diferentes fotos; a revisão dos textos pela autora e coordenadora e a consultoria realizada com um dos bolsistas que é uma pessoa com deficiência visual. Após, com o roteiro da áudio-descrição finalizado, foi solicitada à equipe do Museu do Doce que produzisse as legendas de identificação das fotografias nas quais a informação básica sobre o que se trata a imagem (local, fato e data) é fornecida.

Após a finalização dos vinte e quatro roteiros, iniciou a quinta etapa: as gravações dos mesmos na rádio Federal FM. As vozes utilizadas no programa Fotografia para Ouvir são dos locutores Maria Alice Estrella e Luiz Vaz. A última etapa é a edição de cada spot para veiculação. Há um texto final que informa o site no qual o ouvinte pode ver a imagem.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apesar desta temporada ainda estar em fase de gravação dos roteiros do primeiro mês, já se pode perceber resultados positivos no que tange a formação da equipe do Fotografia para Ouvir e à compreensão das sutilezas na produção dos roteiros. A oficina de áudio-descrição foi fundamental para os novos integrantes conhecerem e se apropriarem dos fundamentos do recurso. No entanto, ressalta-se que

Percebeu-se aqui a relevância de uma aluna do curso de Terapia Ocupacional junto à equipe, pois esta profissão tem como base a promoção dos direitos humanos, fomentados aqui o incentivo à acessibilidade cultural para pessoas com deficiência visual. Segundo dados do Instituto Brasileiro de

<sup>1</sup> Profa. Dr. Francisca Ferreira Michelin.

<sup>2</sup> Aline Regiane de Jesus Mota – Bolsista do Museu do Doce e aluna do curso de Bacharelado em Museologia.

Geografia e Estatística (IBGE) existem, atualmente no Brasil, 16,5 milhões de pessoas com deficiência visual que encontram-se excluídos de experiências visuais. Sendo assim, faz-se necessário o fomento de recursos de acessibilidade que propiciem o empoderamento da vida cultural para estas pessoas.

Outro dado fundamental para o sucesso de um roteiro de áudio-descrição é o consultor com deficiência visual. Segundo Mianes (2016),

O consultor em AD é necessariamente uma pessoa com deficiência visual – cega ou com baixa visão – que avalia a pertinência e a qualidade do roteiro de audiodescrição. Ao analisar o roteiro, sugere alterações quando houver algum erro ou imprecisão, podendo também orientar sobre o uso de alguma palavra ou conceito mais pertinente e de fácil compreensão por parte dos usuários.

Desta forma, é por meio das reuniões de revisão com o consultor que se verifica a qualidade do roteiro produzido, a sua funcionalidade e aplicabilidade.

Finalmente, cabe destacar que o processo de produção de um roteiro de audiodescrição é demorado e deve passar por todas as fases citadas neste trabalho.

#### 4. CONCLUSÕES

A conclusão que ora se apresenta é parcial, uma vez que a temporada sobre a qual se está versando ainda não foi ao ar.

Com as temporadas anteriores, foi possível constatar a viabilidade em transformar o programa de rádio Fotografia para Ouvir em um recurso de acessibilidade cultural para pessoas com deficiência visual por meio da áudio-descrição. A formação de um grupo para trabalhar nos roteiros das imagens, envolvendo alunos contemplou dois objetivos básicos em ambos os projetos envolvidos: a formação de alunos para compreender e trabalhar no campo da comunicação inclusiva. Embora não seja a finalidade da proposta formar áudio-descritores, o exercício tem favorecido e intensificado o entendimento dos princípios de descrição de fotografias (e de imagens, em geral) no processo de documentação museológica e dos princípios da atitude inclusiva a ser praticada com pessoas com deficiência visual. As discussões realizadas a cada encontro da equipe foram proveitosas no que tange à internalização dos fundamentos básicos da áudio-descrição. Evidenciou-se que os primeiros roteiros escritos necessitaram de mais revisões que os seguintes.

A presença do consultor foi fundamental para que a equipe, normovisual, percebesse quais detalhes podem (ou não) serem fundamentais para o entendimento de uma fotografia por parte de uma pessoa com deficiência visual. Já a presença da autora, acadêmica do curso de Terapia Ocupacional, também foi fator distintivo no processo, por esta possuir contato com o recurso de áudio-descrição há quatro anos e enfatizar, sempre, questões de acessibilidade atitudinal e comunicacional com a equipe.

A conclusão mais relevante até o momento diz respeito ao exercício e reflexão do que áudio-descrever. Por mais simples que seja, a imagem contém muita informação. A dúvida sobre o que deve corresponder ao princípio fundante: descreve-se apenas o que se vê, é contínua. Cada foto apresenta um conteúdo único e, sabe-se, o processo de descrição é seletivo, assim como a visão. Para o ouvinte que poderá ver a imagem no site, o que se coloca em pauta é o comparativo entre o que foi imaginado ao escutar a descrição e o que verá ao

encontrar-se com a imagem. No entanto, para a pessoa com deficiência visual não há o comparativo, só a imaginação, a partir do que escutou. Faz-se considerar que a Norma Técnica 21, de 2012, que estabelece as orientações para descrição de imagem na geração de material digital acessível pelo software Mecdayse. A Norma estabelece 30 itens para a produção de um roteiro de AD, que seguem uma ordem fixa. Alguns itens são questionados por muitos audiodescritores, em especial o número 7 que estipula os enquadramentos da imagem com a mesma definição empregada no cinema (equivalente aos planos cinematográficos). Indica, também, no item 12, começar pelo elemento mais significativo e no item 13, mencionar cores e mais detalhes. Embora alguns itens sejam consensuais, como o uso do tempo verbal sempre no presente bem como informar logo na primeira frase de que tipo de imagem se trata (fotografia, desenho, charge, etc) as orientações da Norma não estão sendo aplicadas porque, segundo depoimentos, não resultam em uma AD adequada. Assim, atualmente, no Brasil, a produção em AD segue o princípio elementar de que só se pode descrever o que é visível na imagem, no entanto, demais decisões acabam sendo tomadas pelos profissionais que atuam no campo. Conclusivamente, entende-se que fatores como caracterização do público, finalidade da AD, extensão do roteiro, tipo de roteiro, inclusão ou não de legenda, emprego de outros sons (como fundo musical), qualidade e caracterização da locução são decisões que impactam o resultado, ampliam ou restringem o público e, conseqüentemente, cumprem ou desconsideram o princípio da produção de um recurso para todos. As opções que foram adotadas nessa proposta levam em consideração que o público que se pretende atingir é amplo e inclui, mas não se restringe, às pessoas com deficiência visual. Deseja-se, além de divulgar os acervos em evidência, que se faça, por meio desse programa, uma contribuição ao processo de educação para a inclusão. Compartilhar o recurso e fazê-lo interessante a todos é o caminho escolhido para esse processo.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Nota Técnica nº 21**. Orientações para descrição de imagem na geração de material digital acessível - Mecdayse. MEC/ SECADI/ DPEE, 2012.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 2010: Pessoas com Deficiência. Disponível em:

[http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?tema=censodemog2010\\_defic](http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?tema=censodemog2010_defic)

Acesso em: 29/07/2016.

MIANES, Felipe L. Consultoria em audiodescrição: alguns caminhos e possibilidades. In CARPES, Daiana Stockey (org.). **Audiodescrição: práticas e reflexões** [recurso eletrônico]. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2016.

MOTTA, Livia M.V.M; ROMEU FILHO, P. (orgs.). **Audiodescrição – Transformando imagens em palavras**. São Paulo: Secretaria dos direitos da pessoa com deficiência do Estado de São Paulo, 2010.